



## OS “GERMES” DA VONTADE COLETIVA EM EXPERIÊNCIAS DE OCUPAÇÃO DE ESCOLAS<sup>1</sup>.

Luiz Augusto de Oliveira Gomes<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho constitui-se em expor as impressões produzidas a partir dos primeiros contatos sobre o campo empírico realizado em escolas de Niterói, São Gonçalo e Zona Norte do município do Rio de Janeiro<sup>3</sup>, referenciado teoricamente no conceito de *vontade coletiva* formulados por Antonio Gramsci. Partimos do pressuposto de que o movimento de ocupação das escolas estaduais do Rio de Janeiro ocorrida no primeiro semestre de 2016 aproxima-se do conceito de *Aparelho Privado de Hegemonia* desenvolvido pelo autor italiano. Essa premissa nos ajuda a entender o que move os estudantes que participaram das ocupações de escolas de forma autogestionada, já que, no contexto atual do capitalismo, o homem encontra-se cada vez mais submetido ao individualismo. Na primeira sessão traremos um panorama da conjuntura de ocupação de escolas e os impactos das propostas antipopulares do governo do atual presidente Michel Temer para educação. A segunda sessão tem o objetivo de expor as primeiras impressões do trabalho de campo na E.E Compositor Luiz Carlos da Vila. A terceira e última sessão trabalharemos com o conceito de *Vontade Coletiva* em Gramsci.

**Palavras-chave:** ocupação de escolas; estudantes; vontade coletiva; autogoverno e autoorganização.

### LOS “GERMES” DE LA VOLUNTAD COLECTIVA EN EXPERIENCIAS DE OCUPACIÓN ESCOLAR

### Resumen

El presente trabajo consiste en exponer las impresiones producidas a partir de los primeros contactos sobre el campo empírico realizados en las escuelas de Niterói, São Gonçalo y la Zona Norte de la ciudad de Río de Janeiro, teóricamente referenciados en el concepto de *voluntad colectiva* formulado por Antonio Gramsci. Suponemos que el movimiento por la ocupación de las escuelas públicas en Río de Janeiro que se produjo en el primer semestre de 2016 se acerca al concepto de *Aparato Privado de Hegemonía* desarrollado por el autor italiano. Esta premissa nos ayuda a comprender qué mueve a los estudiantes que participaron en ocupaciones escolares de manera autogestionada, ya que, en el contexto actual del capitalismo, el hombre está cada vez más sujeto al individualismo. En la primera sesión brindaremos un panorama de la situación de ocupación de las escuelas y los impactos de las propuestas antipopulares del gobierno del actual presidente Michel Temer para la educación. La segunda sesión tiene como objetivo exponer las primeras impresiones del trabajo de campo en E.E Compositor Luiz Carlos da Vila. La tercera y última sesión trabajará con el concepto de *Voluntad Colectiva* en Gramsci.

**Palabras clave:** ocupación de escuelas; estudiantes; voluntad colectiva; autogobierno y autoorganización.

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto do trabalho de campo da pesquisa sobre a ocupação de escolas no Rio de Janeiro nos meses de junho, julho e setembro de 2016.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

<sup>3</sup> Visitamos em Niterói as seguintes instituições: Colégio Estadual Paulo Assis Ribeiro (CEPAR), Colégio Estadual David Capistrano, Colégio Estadual Pinto Lima (CEPLIM). Em São Gonçalo visitamos o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e no município do Rio de Janeiro, a Escola Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila.

## THE “GERMES” OF THE COLLECTIVE WILL IN EXPERIENCES OF SCHOOL OCCUPATION

### Abstract

The present work consists of exposing the impressions produced from the first contacts about the empirical field carried out in schools in Niterói, São Gonçalo and the North Zone of the city of Rio de Janeiro, theoretically referenced in the concept of collective will formulated by Antonio Gramsci. We assume that the movement for the occupation of state schools in Rio de Janeiro that occurred in the first semester of 2016 is close to the concept of Private Apparatus of Hegemony developed by the Italian author. This premise helps us understand what moves students who participated in school occupations in a self-managed way, since, in the current context of capitalism, man is increasingly subject to individualism. In the first session we will provide an overview of the situation of occupation of schools and the impacts of the anti-popular proposals of the government of the current president Michel Temer for education. The second session aims to expose the first impressions of the field work at E.E Composer Luiz Carlos da Vila. The third and final session will work with the concept of Collective Will in Gramsci.

**Keywords:** occupation of schools; students; collective will; self-government and self-organization.

### Introdução.

Na segunda década do século XXI, a juventude de várias partes do mundo saiu às ruas em busca de melhores condições de vida, participação política e cidadania. Para Rolnik (2013), os movimentos da Primavera Árabe, o Occupy Wall Street, os Indignados da Espanha e muitos outros foram protestos majoritariamente compostos por jovens, convocados por meio de redes sociais, sem a presença predominante de partidos, sindicatos e organizações de massa tradicionais. No Brasil, o movimento de massas retorna às ruas em 2013, protagonizando grandes manifestações contra o aumento das passagens de ônibus. Estava em pauta a ocupação da rua. Segundo Manuel Castells, os “movimentos surgidos em todo o mundo, tiveram origem numa crise econômica estrutural e numa crise de legitimidade cada vez mais profunda” (CASTELLS, 2013, p, 158-159). A crise do Estado de bem-estar social aligeirada a uma abissal desigualdade social fez com que o “caldeirão de indignação social e política” atingisse seu ponto de ebulição (CASTELLS, 2013, p. 159).

As ocupações em escolas no século XXI têm início no Chile<sup>4</sup> e chega com força ao Brasil em 2015, logo após o Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, anunciar

---

<sup>4</sup> A “Revolta dos Pinguins” foi o movimento de ocupação de escolas chilenas. Entre 2006 e 2011, os alunos chilenos exigiam uma educação pública de qualidade. O nome do movimento diz respeito ao uniforme padronizado dos estudantes. As primeiras reivindicações exigidas pelos manifestantes iam desde exame gratuito de seleção para universidade até reforma dos banheiros em más condições, passando pelo passe escolar gratuito e melhora nas merendas. Depois de semanas de marchas de protesto pelas ruas, poucos avanços tinham sido feitos. A reviravolta veio quando os alunos do Liceu de Aplicação e do Instituto Nacional ocuparam seus edifícios no dia 19 de maio, reivindicando, além das primeiras pautas, a revogação da LOCE e o fim da municipalização do ensino, heranças da ditadura cívico-militar de Augusto Pinochet. Sobre a “Revolta dos Pinguins”, ver Dagmar M. L. Zibas (2008).

a Reorganização Escolar, proposta em que fechava algumas escolas estaduais (SORDI, MORAIS. 2016). Em resposta à medida, os jovens trabalhadores-estudantes<sup>5</sup> da rede estadual de ensino de paulista, ocuparam as escolas de nível médio. Os estudantes chegaram a ocupar 213 instituições por todo o estado, resultando na demissão do Secretário Estadual de Educação, na época, Herman Voorwald. Segundo Sordi e Morais (2016), o “movimento de ocupação das escolas impôs a construção de uma nova dinâmica, na qual os estudantes reivindicaram a participação ativa nos debates e nas decisões sobre os rumos da educação pública nos espaços institucionalizados” (SORDI, MORAIS, 2016, p. 26). O movimento ficou conhecido como “não feche a minha escola”.

Espelhando-se na experiência paulista, os jovens trabalhadores-estudantes cariocas ocuparam as escolas estaduais entre março e agosto de 2016; segundo o Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Estado do Rio de Janeiro, aproximadamente 73 escolas estaduais estavam ocupadas ou em processo de ocupação (SINDICATO ESTADUAL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2016). O movimento lutou contra o sucateamento da educação pública, as condições de trabalho dos professores e a falta de investimento no espaço físico das instituições. Além disso, também estava em disputa nos processos de ocupação a ressignificação do papel da escola para os alunos. . As entrevistas realizadas mostram esse processo de transformação. A partir da fala do aluno José da E.E. Compositor Luiz Carlos da Vila, podemos refletir sobre o assunto.

Os alunos que participaram da ocupação não matam mais aula. Pode verificar com a coordenação. Estamos aqui de aula vaga, mas ninguém quer ir para casa. Na ocupação descobrimos jogos e até um piano escondido pelo último diretor. Ele acusou os alunos e a favela de ter roubado esse material, mas descobrimos tudo em uma sala perto da secretaria. Estou percebendo que os alunos estão mais ligados com a escola. A escola tá com um novo ar. Temos sofá, piano, totó e até um cachorro - batizamos de Bili. Depois da ocupação, a escola se tornou nossa casa. Abrimos o espaço para toda favela. Sei que ainda tem uma galera que não se reconhece o que foi a ocupação, mas isso tá mudando aos poucos<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Entendemos que os jovens desse grupo são trabalhadores e ajudam no rendimento mensal de suas casas (quando não sustenta sozinho) ou praticam alguma atividade doméstica para seus responsáveis trabalharem fora; estudam muitas vezes em condições precárias; são marginalizados pelo Estado e os seus aparelhos de repressão e são superexplorado pelo capital.

<sup>6</sup> Para preservar suas identidades, utilizaremos nomes fictícios para os estudantes. As entrevistas com alunos menores de idade foram devidamente autorizadas pelos respectivos responsáveis.

A resignificação da escola, segundo a nossa interpretação, não é apenas dos conteúdos formais ou da maneira dos professores de ministrar as aulas. Também foi remodelada a relação entre os alunos e o espaço físico da escola. A instituição passou a ser um espaço de lazer e acolhimento

### **A ocupação com resistência.**

As pautas dos jovens trabalhadores-estudantes refletem a necessidade de maiores investimentos nas escolas públicas, participação na eleição de diretor e melhores salários e condições de trabalho para os professores (NUNES, 2016). Além disso, há um movimento de crítica a alguns pontos do modelo de escola burguesa. Sobre o assunto, concordamos com Almeida (2010) ao afirmar que o modelo de escola burguesa no período neoliberal é voltado para a introdução dos jovens ao mercado de trabalho e não se preocupa em difundir conhecimento. A escola almeja formar os estudantes para que trabalhem de forma eficiente e se adaptem às mudanças no processo de produção. “Assim, o conhecimento passa a ser a expressão desse interesse” (ALMEIDA, 2010, p.60).

O movimento de ocupação de escolas no Rio de Janeiro foi marcado por uma forte pressão por parte do Estado, estudantes e pais contrários à organização. O “desocupa”, movimento de pais e alunos contrários à ocupação, que exigia que as instituições voltassem a funcionar normalmente, ganhou força em algumas regiões do estado. Em algumas escolas do município do Rio de Janeiro, o movimento “desocupa” foi apoiado por diretores de escolas, secretaria estadual de educação do Rio de Janeiro, milícias locais e pelo tráfico de drogas. Segundo a UBES (UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES, 2016), o “desocupa” agiu de forma violenta contra os estudantes que participavam da ocupação. Os alunos do C.E. David Capistrano relatam a agressividade do movimento “desocupa”. Segundo o aluno Pedro de 17 anos:

O movimento de desocupa foi muito violento com os estudantes. No dia da desocupação da escola pais, funcionários e estudantes apoiadores do movimento usaram da violência com a gente. Tem até um candidato a vereador de Niterói que deu um tapa na cara da minha amiga. Foi um absurdo! Olha que o candidato ainda por cima é pastor da Igreja evangélica. Mesmo depois da desocupação a gente vem sofrendo com represália desse pessoal violento. Foi uma experiência bem ruim.

A partir do segundo semestre de 2016, o movimento de ocupação cresceu em âmbito nacional, ganhando força nas escolas do Paraná e sendo difundido para o restante do país. Escolas estaduais, Institutos Federais e Universidades Públicas passaram a ser ocupadas pelos jovens trabalhadores-estudantes. Conforme dados da UBES, em outubro se contabilizava 937 escolas ocupadas, além de 79 Institutos Federais e 60 Universidades Públicas (UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS, 2016).

Esse processo de ocupação ocorre no contexto de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, ocorrido em agosto, que coloca no poder o ilegítimo governo de Michel Temer. No governo de Michel Temer, está em debate a medida provisória nº 746/2016, que pretende reformular o ensino médio brasileiro, além do ataque aos direitos básicos (BRASIL. CASA CIVIL, 2016) a partir da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, que limita os gastos públicos em saúde, educação e outros setores que atingem diretamente a classe trabalhadora. Além disso, o projeto de lei nº 193/2016 do senador Magno Malta (PR-ES), intitulado “Escola Sem Partido”, transita no senado Federal (FRIGOTTO, 2016). O projeto visa eliminar a discussão ideológica no ambiente escolar, restringir os conteúdos de ensino partindo de uma pretensa ideia de neutralidade do conhecimento. Segundo Frigotto (2016):

Ao por entre aspas a denominação de “Escola sem Partido” quer-se sublinhar que, ao contrário, trata-se da defesa, por seus arautos, da escola do partido absoluto e único: partido da intolerância com as diferentes ou antagônicas visões de mundo, de conhecimento, de educação, de justiça, de liberdade; partido, portanto da xenofobia nas suas diferentes facetas: de gênero, de etnia, da pobreza e dos pobres, etc. Um partido, portanto que ameaça os fundamentos da liberdade e da democracia liberal, mesmo que nos seus marcos limitados e mais formais que reais. Um partido que dissemina o ódio, a intolerância e, no limite, conduz à eliminação do diferente (FRIGOTTO, 2016. P.12).

Houve casos de denúncias por parte de alunos a professores que participaram da ocupação com os estudantes. Na E.E. Compositor Luiz Carlos da Vila, uma professora foi acusada de cooptar os alunos e distribuir adesivos ligados a organizações de esquerda. O vídeo da denúncia, que partiu de um estudante contrário ao processo de ocupação, pode ser visualizado no site oficial do projeto “Escola Sem Partido” <sup>7</sup>. Esses constantes ataques à democracia e aos direitos básicos foram

---

<sup>7</sup> O site do Programa Escola Sem Partido retirou os vídeos, mas o arquivo encontra-se disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=PDxbrHlvG14>. Acessado dia 13 de dezembro de 2016.

conformando o movimento nacional de ocupação; ocupar passou a ser a palavra de ordem.

### **E.E Compositor Luiz Carlos da Vila.**

Tendo em conta o contexto político, econômico e educacional em que se deram os processos de ocupação e suas particularidades no Estado do Rio de Janeiro, o projeto em desenvolvimento abordará as ocupações de escolas na região metropolitana. Visitamos em Niterói as seguintes instituições: Colégio Estadual Paulo Assis Ribeiro (CEPAR), Colégio Estadual David Capistrano, Colégio Estadual Pinto Lima (CEPLIM). Em São Gonçalo visitamos o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e no município do Rio de Janeiro, a Escola Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila.

Sobre o movimento de ocupação, destacamos a organização dos estudantes na Escola Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila, no município do Rio de Janeiro. Destacamos esta instituição, pois lá conseguimos entrevistar e acompanhar por mais tempo o processo de ocupação. A escola localiza-se em Mangueiros, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro e reúne estudantes das favelas do Jacarezinho, Complexo do Alemão, Complexo da Maré e Mangueiros. A escola foi construída no terreno onde funcionava o antigo galpão administrativo da Divisão de Suprimentos do Exército (DSUP), a partir das obras do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC. Além do colégio, as obras do PAC construíram unidades residenciais, biblioteca para a comunidade, centro de apoio jurídico, centro de geração de trabalho e renda e um hospital. Na sua inauguração, começou atendendo alunos do 1º ano do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Inicialmente, foram abertas cinco turmas em cada turno (manhã, tarde e noite).

A escola ficou aproximadamente três meses ocupada, de 8 de abril à 14 de junho, pelos estudantes, professores e voluntários apoiadores do movimento. A partir de uma série de entrevistas pude constatar que os estudantes reivindicavam investimentos na infraestrutura da escola, salários dignos para os professores e uma diretoria que abrisse espaço para o diálogo. O antigo diretor foi nomeado pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUCRJ) e tinha perante os alunos uma postura extremamente grosseira e arbitrária. A direção da escola acabou por renunciar o cargo por pressão dos alunos. Segundo a análise dos relatos,

podemos observar que a antiga direção da escola tratava os jovens negros de periferia de maneira truculenta. Para o aluno Mateus de 18 anos, o diretor:

[...] não tinha aquela forma de conversar tipo aluno diretor. Não dava nem para pedir uma declaração na direção que ele já vinha falando alto, dando patada e fechando a porta na nossa cara. Acho que o que estava acontecendo na gestão dele como diretor não estava sendo boa. Antes de ser diretor ele era professor. Nem como professor ele era bom. Ele na direção foi a pior coisa que aconteceu. Ele ofendeu alguns alunos de paradas racistas. A galera já não gostava do cara depois disso piorou tudo.

Compactuamos com a colocação de Bellé (2011) a respeito do entendimento dos profissionais da educação sobre os significados do modelo de democracia. Em muitas vezes ele é “restrito, desconhecido ou ignorado e, como consequência, o que se pratica pode revelar contradições com reflexos na formação de seus estudantes e em suas atividades profissionais” (BELLÉ, 2011, p.131).

No período de ocupação, a escola passou a ser gerida pelos estudantes, que se dividiam em comissões de serviço, tais como segurança, limpeza, comunicação, saúde, esporte e cultura. Eram realizadas reuniões e assembleias diariamente para divisão de tarefa e balanço da ocupação. Em entrevista, a estudante Carla de 17 anos relata que a “assembleia é um espaço onde ela pode compartilhar suas ideias, vota e é ouvida”.

Concordamos com Makarenko (2002), quando o mesmo afirma que a assembleia geral é um órgão fundamental para o funcionamento do autogoverno. Para ele a assembleia geral tem que ser aberta para todos os membros da coletividade se expressar (MAKARENKO, 2002, p.292).

Neste sentido, partimos do pressuposto de que o movimento de ocupação de escola é fruto do movimento maior de lutas contra os avanços do neoliberalismo na educação. A partir dessa premissa, é que se dá a investigação sobre o processo de ocupação Escola Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila, o que requer a reconstrução histórica dos acontecimentos, analisando as experiências das formas de organização e das experiências educativas dos estudantes.

### **A *Vontade Coletiva*: auto-organização e autogoverno para formar a coletividade.**

Para compreender a construção da coletividade dos jovens trabalhadores-estudantes na ocupação de escola, iremos utilizar a contribuição teórica de Antonio Gramsci (2000), principalmente o seu conceito de *vontade coletiva*. Para entender a

*vontade coletiva* em Gramsci, é importante compreender a concepção de ser humano nos seus escritos. Gramsci retoma a dimensão ontológica de Marx, ao considerar o “ser” a partir de sua incessante busca por satisfazer suas necessidades imediatas e humanas, encontrando no processo de trabalho a única forma de humanizar-se, de sobreviver às intempéries da natureza e dominá-la. A construção da *vontade coletiva* na ocupação de escolas implica também em uma “adaptação das vontades individuais” (ARECO, 2013, p.7). Para Gramsci:

O máximo fator da história [não] são os fatos econômicos, brutos, mas o homem, a sociedade dos homens, dos homens que se aproximam uns dos outros, entendem-se entre si, desenvolvem através destes contatos (civilização) uma vontade social, coletiva, e compreendem os fatos econômicos, e os julgam, e os adequam à sua vontade, até que essa vontade se torne o motor da economia, a plasmadora da realidade objetiva, a qual vive, e se move, e adquire o caráter de matéria telúrica em ebulição, que pode ser dirigida para onde a vontade quiser, do modo como a vontade quiser (GRAMSCI, 1917, apud, COUTINHO, 2008, p.33).

Nessa perspectiva, a vontade coletiva estaria ligada ao desejo comum de toda a nação e só poderia ser amplificada a partir da ação do partido político. Para o autor, o *Moderno Príncipe*<sup>8</sup> capaz de “identificar as necessidades concretas de uma classe no tempo e circunstâncias dadas, permite que se superem as aspirações espontâneas por meio de uma direção política de uma classe que pretende ser hegemônica” (ARECO, 2013, p.7). Ao se debruçar na análise da obra de Maquiavel<sup>9</sup>, Gramsci adaptou a relação do príncipe com a sociedade para a sua realidade. Em lugar do *condottiere*<sup>10</sup> individual, coloca a vanguarda revolucionária como agente de mudanças. No *Moderno Príncipe*, a produção da consciência é coletiva. O autor chega à conclusão que o partido não é um organismo corporativo, mas, sim, um organismo universal, pois é colocada a possibilidade de tornar-se classe hegemônica condiciona-se na capacidade da classe operária elaborar, de modo homogêneo e sistemático, uma vontade coletiva (GRAMSCI, 2000, p. 18-20).

Em nossa análise sobre a ocupação de escolas, não caberia aplicar o conceito de *Moderno Príncipe* ao movimento, pois o mesmo, na concepção gramsciana, não apresenta as características principais de um “partido”. Em primeiro lugar, na discussão entre a grande e pequena política, o *Moderno Príncipe* tem que se ater aos

---

<sup>8</sup> Gramsci utiliza o conceito de *Moderno Príncipe* para se referir ao partido político.

<sup>9</sup> Nicolau Maquiavel (1496-1527) foi um diplomata da cidade de Florença (Itália) Sua obra mais conhecida é “O Príncipe”, publicado postumamente no ano de 1532.

<sup>10</sup> Na visão de Maquiavel, o *condottiere* (Condutor) seria o príncipe que conduziria o Estado sem ajuda. Para Gramsci, o *condottiere* estaria representado pelo partido político.

debates da grande política. A grande política envolve as questões ligadas à fundação de novos Estados, a luta pela destruição, pela defesa, pela conservação de determinadas estruturas orgânicas econômico-sociais. No caso do nosso objeto de pesquisa, a grande política ganharia corpo nos debates a nível nacional sobre educação, ação do neoliberalismo na esfera pública e defesa de direitos, tais como as discussões sobre os efeitos da proposta de emenda constitucional número 241 e o programa Escola Sem Partido.

Já a pequena política compreende as questões parciais e cotidianas que se apresentam no interior de uma estrutura já estabelecida em decorrência de lutas pela predominância entre as diversas frações de uma mesma classe política (GRAMSCI, 2000). A pequena política se manifesta no movimento de ocupação de escola a partir das demandas locais por melhorias estruturais. Nesse sentido, poderíamos inferir que os ocupantes fazem tanto a pequena como a grande política? Em que medida consegue se articular, enquanto classe trabalhadora na perspectiva da grande política?

Gramsci destaca a tríade organização-direção-educação, para a formação do partido. Essa organização deve ser uma ação para dentro da classe social, na luta pela formação de uma *vontade coletiva*. Em síntese, para o autor a *vontade coletiva* se materializa como uma nova *hegemonia*, cujas metas devem ser racionais, planejadas e concretas levando em consideração a realidade histórica (GRAMSCI, 2001). Nessa perspectiva, não caberia analisar a ocupação de escolas como um grupo tal como um partido político nessa concepção, mas podemos considerar a coletividade dos estudantes como um *aparelho privado de hegemonia*. Segundo o autor, aparelhos privados de hegemonia são instituições da sociedade civil voltadas à sedimentação de um dado consenso, a hegemonia, no sentido de vitória de uma visão de mundo sobre outras, a ser conseguida através da ocupação de espaços ideológicos (GRAMSCI, 2000). Para Gramsci (2000), em determinados momentos históricos, certas instituições atuam em nome das classes sociais, sobretudo das classes dominantes, fazendo o papel de partido político no sentido de conferir organicidade aos seus membros e de dirigir suas ações. Embora não se configure um partido na concepção gramsciana, o processo de ocupação tem o “germe” da *“vontade coletiva”*.

A formação de uma vontade coletiva também implica na disputa pela *hegemonia* política. Falar em *hegemonia* e *contra-hegemonia* e na disputa entre as classes sociais que, a partir de sua posição dominante ou subalterna no interior da sociedade e do Estado de classes, exercem, sofrem e disputam permanentemente o poder. Como categoria dinâmica, a *hegemonia* pressupõe negociações, compromissos, renúncias por parte do grupo dirigente que se pretende hegemônico. A base material da *hegemonia* é construída a partir de concessões e reformas com as quais se mantém a liderança de uma classe e pelas quais outras classes têm suas reivindicações atendidas. Para Gramsci, a *hegemonia* não pode ser garantida sem desconsiderar demandas mínimas dos "de baixo", sendo fundamental a classe dirigente saber ceder, saber realizar sacrifícios no intuito de preservar este instável equilíbrio de forças (GRAMSCI, 2002, p. 47).

A conformação de uma vontade coletiva direciona a sociedade para uma reforma intelectual e moral. Não se trata apenas de uma renovação política, econômica e social, mas também de uma revolução cultural, do desenvolvimento de uma nova cultura, de uma nova forma de ver o mundo. Segundo Gramsci, a "reforma moral" cria homens e mulheres de novo tipo. Nessa perspectiva seriam extintas as relações entre governantes e governados.

Até então, o trabalho de campo realizado nos indica que na ocupação de escolas, os jovens trabalhadores-estudantes têm encontrado diversas maneiras de se organizar a partir do princípio da coletividade. Em uma das entrevistas, o aluno Thiago de 18 anos comenta que na ocupação "todos participavam de alguma comissão de trabalho". Pistrak (2011), ao conduzir a escola Lepechinsky na extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, nos ajuda a compreender a importância da coletividade, divulgada nas comissões e a auto-organização dos estudantes expressada nas atividades domésticas e culturais da ocupação. Em sua obra *Fundamentos da Escola do Trabalho* (2011), o autor desenvolve pontos que são muito caros para a nossa pesquisa sobre ocupação de escolas.

Ao analisar a obra de Pistrak, a professora Roseli Caldart considera que segundo a teoria do autor, é necessário "superar a visão de que a escola é lugar apenas de ensino, ou de estudo de conteúdo, por mais revolucionários que eles sejam" (CALDART, 2011, p. 10). É fundamental pensar em uma escola onde trabalho, estudo, atividades culturais e políticas estejam relacionados. Além disso, indica a

necessidade de auto-organização dos jovens trabalhadores-estudantes, questão que parece estar presente, sob denominação de autogestão, no movimento de ocupação de escolas na atualidade.

Makarenko (2002), ao abordar a organização dos jovens utiliza o conceito autogoverno. Segundo o autor, o autogoverno seria um procedimento institucional em que os jovens devem discutir e estabelecer todas as normas que regerão seus comportamentos e suas relações dentro e fora da instituição. Todas as experiências têm em comum a existência de uma instância decisória (assembleia, conselho, reunião geral etc.), que se reúne sistematicamente, onde todos decidem sobre tudo. Para Makarenko em uma coletividade bem organizada “o processo educativo é realizado sem esforço” (MAKARENKO, 2002, p. 284). Segundo o autor é essencial tomar o trabalho como experiência educativa. Tomar o trabalho produtivo como agente transformador. No autogoverno, a questão central é que a solução para os problemas da sociedade não está no indivíduo isolado, mas presente na coletividade. A coletividade apresentada por Makarenko nos ajuda a compreender como os jovens trabalhadores-estudantes conseguiram se organizar de forma coesa e com isso buscaram mudanças estruturais nas suas escolas e na sociedade.

A auto-organização e o autogoverno nos ajuda a compreender como os estudantes das ocupações aprendem com a coletividade a importância de buscar uma bandeira comum, aqui entendida como um possível germe da *vontade coletiva*.

## **Conclusão.**

Atualmente, o Brasil encontra-se em uma série de retrocessos políticos e sociais. O *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, a PEC 241 e o Programa Escola sem Partido são alguns pontos desse processo. Em contrapartida, a crise de representatividade política e os desmantelamentos das políticas sociais geraram grandes manifestações em 2013 e impulsionaram em algum grau a participação dos estudantes no processo de ocupação das escolas Estaduais. Até o presente momento, a conclusão que podemos chegar é que, na prática, as experiências de organização dos jovens trabalhadores-estudantes criaram intensamente o espírito de coletividade no movimento de ocupação de escolas.

Entendemos que na conjuntura atual onde o neoliberalismo avança com uma série de retrocessos políticos e sociais para a classe trabalhadora, além de

individualizar cada vez mais as nossas vontades, é de extrema relevância um movimento que preze pela coletividade e busque alternativas concretas para mudanças reais na sociedade. Entendemos que a coletividade das experiências da ocupação, seja na forma de auto-organização ou no autogoverno, ajuda a transformar as vontades individuais em *vontades coletivas*. Seria precoce falar em uma *vontade coletiva*, por isso optamos em utilizar germes da *vontade coletiva*, pois entendemos que o movimento, mesmo em suas contradições, tende a unificar as vontades individuais do seu interior a partir da coletividade. Importante lembrar que, analisando as grandes manifestações de 2009 a 2013 no mundo, Slavoj Žižek finaliza seu artigo intitulado *Problemas no Paraíso* (2013) com a seguinte frase: “Os protestos globais devem servir de lembrança ao fato de que temos a obrigação de pensar em alternativas” (ŽIŽEK, 2013, p.108). As alternativas para uma nova sociedade e “homens e mulheres” de novo tipo ainda estão em construção, mas a juventude, de forma espontânea ou organizada busca caminhos para a transformação da realidade.

## Referências

ALMEIDA, José Luis Viera de. A escola burguesa e a questão do conhecimento: mudar para não transformar. Revista Espaço Acadêmico, [S.l.], v. 9, n. 104, p.53-63.

ARECO, Sabrina Miranda. Vontade e vontade coletiva no pensamento de Antonio Gramsci: breves considerações. In: Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”. GT 10. Teoria política marxista.

BELLE, H. B. M. Escola democrática e escola com burocracia atuação dos colégios da polícia militar no Estado de Goiás. Saberes. Natal, v. 2, n.especial, jun. 2011.

BRASIL. CASA CIVIL. Medida Provisória nº 746 de 22 de setembro de 2016, que institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil, Brasília, DF, 2016.

CALDART, Roseli Salete. Introdução. In: PISTRÁK. Fundamentos da escola do trabalho – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros - 1 ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Paulo Andrade O 'momento' da ocupação e a construção da autogestão: Estudo sobre a memória coletiva de um grupo de operários. Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito. Vol. 17, nº 1, 2015. P. 32-59.

COUTINHO, Carlos Nelson. O conceito de vontade coletiva em Gramsci. Rev. katálysis vol.12 no.1 Florianópolis Jan./June 2009. P. 32-40.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do cárcere, volume 2 / Antônio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. Cadernos do cárcere, volume 3 / Antônio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. “Escola Sem Partido”: Imposição da mordça aos educadores. eMosaicos - Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). V.5. N-9 – Junho de 2016. P. 11-13.

MAKARENKO, Anton. Metodologia para a organização do processo educativo. In: LEUDEMANN, Cecília da Silveira. Anton Makarenko: vida e obra - a pedagogia na revolução.

São Paulo: Expressão Popular, 2002, pp. 281-382.

NUNES, L. F. . 'Reintegração de posse': A ocupação das escolas estaduais do Rio de Janeiro como processo de reavivamento da escola pública. In: Congresso Nacional de Educação, 2016, Natal. III CONEDU - Congresso Nacional de Educação, 2016.

SINDICATO ESTADUAL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (SEPE-RJ). 73 escolas estaduais já se encontram ocupadas; Abril de 2016. Disponível em: [http://seperj.org.br/ver\\_noticia.php?cod\\_noticia=7009](http://seperj.org.br/ver_noticia.php?cod_noticia=7009). Acesso dia 01 de fevereiro de 2017.

SORDI, Denise N. De; MORAIS , Sérgio Paulo. “Os estudantes ainda estão famintos!”: ousadia, ocupação e resistência dos estudantes secundaristas...”RELIGACION. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades. Num. 2, Quito, Junio 2016, p. 25-43

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS “Movimento Desocupa” invade com violência ocupações no RJ . Disponível em: <https://ubes.org.br/2016/movimentodesocupa-invade-com-violencia-ocupacoes-no-rj/>. Acesso 01 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_. Divulgada lista de escolas ocupadas e pautas das mobilizações. 2016. Disponível em: <https://ubes.org.br/2016/ubes-divulga-lista-de-escolas-ocupadas-e-pautas-dasmobilizacoes/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

ZIBAS, D.M.L.“A Revolta dos Pingüins” e o novo pacto educacional chileno. Revista Brasileira Educação.vol. 13, n°. 38, Ago 2008. pp.199-220. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/02.pdf>>. Acesso em 09 novembro 2016.

ŽIŽEK, Slavoj. Problemas no Paraíso. in: MARICATO, Hermínia et al. Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. P.101-108.